

# **EDUCAR MULHERES, ENSINAR VIRTUDES, FAZER A PROFESSORA: A HISTÓRIA DA ESCOLA NORMAL N. SRA. DO PATROCÍNIO ATRAVÉS DA IMPRENSA (1926-1935).**

ROSSI, Michelle Pereira da Silva - UFU

INÁCIO FILHO, Geraldo -UFU

## **4. Gênero e etnia na história da educação brasileira**

A fundação da Escola Normal sob a direção de religiosas em Patrocínio, tinha como objetivo formar professoras em consonância com a própria ação católica. Assim, nos lançamos na busca de subsídios que estiveram presentes na constituição da Escola Normal N. Sra. do Patrocínio, recorrendo a imprensa “como importante estratégia de construção de consensos, de produção de novas sensibilidades, maneiras e costumes” (FARIA FILHO, 2002, p. 134), assim, verificamos que os jornais foram vistos como importantes estratégias de propagação de ideários dominantes e para a concretização deste projeto educacional feminino. O que nos possibilita entender a organização desta formação, enfatizar as disciplinas trabalhadas, o papel do professor, a metodologia de ensino e o currículo. Para tal abordagem, utilizaremos como fonte de pesquisa os seguintes jornais: Correio Católico, Jornal Cidade de Patrocínio e O Arrebol, este desenvolvido pela própria Escola.

### **1. A Religião em Patrocínio**

O setor educacional, em Patrocínio nos primeiros anos Republicanos, apresentava-se bem pequeno devido ao número baixo de escolas para atender a população, principalmente em relação ao ensino primário, que estava distribuído da seguinte forma: um estadual, outro municipal e um particular, num total de três escolas assim distribuídas no distrito de Patrocínio (Anuario Estatistico – 1922- Belo Horizonte – IBGE). Para os alunos cursarem o ginásio precisavam viajar para outras localidades do país, devido à ausência deste grau de ensino na cidade. Existia apenas um Grupo Escolar criado em 1914: Grupo Escolar Honorato Borges.

Alguns acontecimentos transformaram a vida cotidiana desta cidade, principalmente no setor educacional. Em 1925, os norte-americanos fundaram uma escola para leigos, em 1928, o Patrocínio College (que em 1933, tornou-se uma escola de

preparação de obreiros: Instituto Bíblico Eduardo Lane – IBEL). Esse fato provocou uma mudança na postura da Igreja, que naquele momento, viu-se ameaçada pela presença dos protestantes:

*[...] o querido Antistite enxergava todo o mal com que nos ameaçava a propaganda protestante e, para lhe solapar a fortaleza em que ela se ia acastelando, fundou um ginásio católico para a mocidade, na certeza de que esmagaria a hidra audaciosa e irreverente, apoderando-se do campo em que iriam agir os assalariados pela América do Norte (ANÍSIO; 1932, p. 7).*

Ainda em 1925, Dom Lustosa, ao ser escolhido Bispo de Uberaba, chegou a Patrocínio fazendo a visita paroquial. Encontrou na cidade a presença protestante; que tornou-se o centro da Missão Presbiteriana sob a direção do Missionário Alva Hardie. A visita do Bispo de Uberaba marcou um ponto importante de manifestação e oposição à presença protestante. Segundo o Correio Católico (27.09.1925, nº 76), “marcou um passo para o seu progresso, uma página de engrandecimento para a sua história”, por meio desta visita, a população católica apresentou “o pedido da fundação de um Collegio alli, para o que, offereceram um magnífico prédio”, resultando na promessa de realização por parte do Bispo.

A Igreja em Patrocínio, até então, não tinha voltado suas atenções para a formação de seus moços e moças. Com o intuito de combater o “mal do protestantismo”, acrescido da preocupação por parte da elite na educação dos filhos tornava-se conveniente a formação católica da juventude naquele momento. Este tema invadiu os jornais de Patrocínio ou o próprio Correio Católico, acusando o protestantismo como desnacionalizador ou aquele que favorece o analfabetismo.

São através das cartas enviadas pelo Bispo Dom Lustosa que verificamos a oposição católica quanto ao protestantismo, algumas foram publicadas especialmente no Jornal como forma de motivação da população, principalmente em relação à educação católica. Esta postura colocava a Igreja privilegiada pelo seu direito natural sobre o ensino do povo brasileiro, igualmente autoridade, para a sua política de restauração:

*Quando, há dois meses, fiz a visita a Patrocínio, recebi um solene pedido: da iniciativa do Amigo e mais dos distintos companheiros, solicitando-me a fundação de um collegio ahi. Esse pedido coincidiu exatamente com o meu desejo que era precisamente de favorecer a essa zona importante e defender a fé desse bom povo contra os erros do protestantismo etc. (Carta de Dom Lustosa dirigida ao Coronel João Cândido, s/d. 1925).*

Através da ação do bispo de Uberaba, o Colégio Dom Lustosa, para rapazes, foi fundado sob a direção dos Padres dos Sagrados Corações de Jesus e de Maria, que já estavam em Água Suja, no dia 15 de fevereiro de 1927.

A primeira iniciativa, quanto a uma escola para as meninas, foi vista pelo vigário da paróquia, Padre Joaquim Tiago dos Santos, auxiliado pelo Padre Matias, Diretor do Colégio Dom Lustosa. Em abril de 1928, alunas já freqüentavam as aulas: “Esta secção, estabelecida recentemente para ir preparando as nossas meninas, enquanto se funda o collegio propriamente” (Jornal Cidade de Patrocínio, 15.04.1928, nº 768). Conhecendo essa realidade, o Bispo Dom Lustosa escreve para D. Emygdia, esposa do Coronel João Cândido, principal articulador da fundação do colégio para os rapazes:

*Agora é preciso fundar também ahi para meninas, mas um colégio de Irmãs. Já estando ahi os Padres eu poderei arranjar as Irmãs porque ellas poderão contar com a capellania – o que é indispensável para um collégio de Religiosas [...] Patrocínio tendo então, dois estabelecimentos de ensino superior, um para meninos e um para meninas, tomaria um natural impulso de progresso. Pelo lado religioso, então, seria uma sorte grande (Carta de Dom Lustosa dirigida Sra. Emygdia Aguiar, 30.12.1926).*

A Sra. Emygdia respondeu prontamente ao Bispo, com o apoio de seu marido Cel. João Cândido e de seu pai, Honorato Borges, instituiu uma comissão fundadora para arrecadar fundos na compra do prédio para a escola. Este projeto tornou-se empreendimento de toda a cidade, era necessário arrecadar verbas para a aquisição de um prédio e dar estrutura para a vinda das Irmãs do Sagrado Coração de Maria, que já mantinham uma escola em Araguari. Essas iniciativas realizadas pelo próprio bispo evidenciaram quão importante articulador educacional ele se fez para que esta instituição se concretizasse como eficaz para a formação cristã das crianças e das moças. No dia 15 de outubro, Patrocínio foi agraciado com o início das atividades do Colégio N. Sra do Patrocínio, inaugurado, oficialmente, no dia 06 de fevereiro de 1929, lançando os primeiros alicerces para a Escola Normal, que se estruturaria a partir de 1933.

## **2 O Estabelecimento do Colégio Confessional Católico**

Ainda necessitava de muitas adaptações do prédio para o funcionamento da Escola, pois ela iniciou seus trabalhos em instalações muito simples, mas que ficava situada no ponto importante da cidade, o Largo da Matriz, onde residiam importantes políticos, como Honorato Borges e se encontrava a Igreja Matriz Nossa Sra. do Patrocínio.

Seus recursos didáticos se adaptaram às circunstâncias de improvisação: “o quadro-negro era uma porta, as carteiras eram bancos que comportavam seis meninos” (Entrevista Irmã Alda, Documentação da Escola). Assim, diferente de muitas Escolas Normais por suas instalações físicas, devido à urgência de reformas foi sofrendo, no decorrer do tempo,

adaptações. A simplicidade encontrava-se também no seu mobiliário, alguns doados pelo povo, outros emprestados pelo Pe. Thiago.

Contudo, a cidade se orgulhava da realização do esperado projeto, o jornal anunciava o generoso sentimento patriótico e religioso do povo e, acrescentava que, isto era devido o “amor à instrução”. O Padre Thiago se orgulhava por ser um “acontecimento auspicioso que, por si remunera os trabalhos e sacrifícios empenhados pelos que lançaram a idéia e promoveram os meios” (Cf. Jornal Cidade de Patrocínio, 30.09.1928, nº 792).

A educação das meninas estava assim delineada por princípios religiosos-católicos, entendemos que à medida que a feminização do magistério acontecia, ele não era voltado unicamente para o casamento, as alunas procuraram nele, também, o meio de sua profissionalização. Estas direções educacionais compreendiam o próprio papel da mulher enquanto esposa-mãe, como o seu trabalho enquanto normalista para a difusão do ensino primário, que naquele momento, estava associado ao conceito de desenvolvimento/progresso nos diferentes contextos brasileiros. Todavia, este programa não deixava de salientar a praticidade da educação destas meninas: “ensina-se [...] todas as espécies de trabalhos de agulhas, como bordados a mão e a machina” (Prospecto do Colégio Normal N. Sra. do Patrocínio publicado no Jornal Cidade de Patrocínio, 28.10.1928, nº 796). No mesmo ano, 1929, vinte e quatro alunas fizeram sua primeira comunhão, o que confirmava a necessidade urgente de uma escola católica na cidade, pois “a população em geral, ressentia esta falta e a mocidade estava em perigo, devido às escolas protestantes que aqui mediavam” (Álbum do 1º decênio, Escola Normal N. Sra. do Patrocínio, 1928-1938).

### **3 As primeiras Normalistas**

A primeira turma de normalistas iniciou seus estudos em 1933, aproximadamente cinco anos após a fundação do Colégio. Trinta alunas estavam matriculadas para o primeiro ano normal, finalizando o curso com 25 normalistas.

Entendemos que o projeto educativo correspondeu com a construção de uma realidade comum: Se a sociedade patrocínense buscava na educação de suas filhas atrelada aos princípios religiosos, o desenvolvimento e a formação necessária; do mesmo modo, a Igreja aliada a tais finalidades alicerça por meio destas escolas a sua autoridade na sociedade como capaz de prepará-las. Esses objetivos tornavam-se comum para a necessidade de ambas. Estudar na Escola Normal de Patrocínio era privilégio para a cidade,

pois com a formação das alunas não existia a necessidade de buscar professores de outras localidades, como possibilitou novas oportunidades educacionais para as crianças, que necessitavam de professores e permitiu diferentes oportunidades para a educação feminina possibilitando a participação da mulher na vida pública por meio da sua formação. Estes conceitos estavam atrelados ao sentido religioso, daí a razão para compreendermos o espaço escolar e as suas representações sobre o ser mulher.

#### **4. As professoras**

As freiras foram as primeiras professoras da escola, com o passar dos anos, devido à necessidade, foram ingressando professores leigos. A Irmã Ghislaine, superiora da escola e a Irmã Gilberta, professora (Belgas), foram as pioneiras deste trabalho em 1928. Em 1929, chegaram à cidade as Irmãs brasileiras da Congregação: Irmãs Eustachia e Irmã Alda (Cf. Jornal Cidade de Patrocínio, Patrocínio, 1928, n° 795).

Devido à disciplina da própria Congregação, o tratamento na escola era severo e rígido, salvo algumas exceções, quando as professoras eram queridas pelas alunas por alguma qualidade, seja por uma aproximação ou admiração maior. As formas de controle e severidade sobre o horário, o silêncio, as notas, caracterizavam-se como mecanismos eficientes no relacionamento entre professor-aluno (Cf. Jornal da Escola *O Arrebol*, 1934, n° 1). É necessário considerarmos que a sociedade, por intermédio do sistema de ensino e, também, “dos professores, desenvolve formas de ser da personalidade dos educandos que se conformam aos seus ditames” (LUCKESI, 2003, p. 41). A autoridade exacerbada oprime o aluno e serve de mecanismo mediador da reprodução e conservação desta sociedade, portanto, enquadra o aluno para viver nela. Assim, o respeito que as alunas deveriam ter para com as professoras era como se fossem aos próprios pais, do mesmo modo que a conduta das professoras eram exemplos a serem seguidos.

Por se tratar de uma escola católica, a rigidez, a autoridade e a disciplina eram justificadas pela hierarquia, neste contexto, o bom professor, seria aquele que melhor mantivesse o silêncio em sua classe refletido na ordem e no controle. Uma herança jesuítica rígida num modelo educacional católico. Conforme Foucault (1987, p. 118), “em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações”, determinando assim, a posição de cada um e o seu lugar nesta hierarquia, estabelecendo o poder e a autoridade sobre o educando. A

partir desta análise, compreendemos que a relação professor-aluno não deixava de reproduzir o que a sociedade já estabelecia e legitimava para a formação feminina.

De maneira geral, todo o conjunto escolar: o ensino, a disciplina, a vigilância, a rigidez cooperaram para que o controle ou poder fossem conservados. Por essas razões, entendemos que o comportamento que se esperava destas alunas voltava-se para a sua formação religiosa condizente com as necessidades daquele momento.

A Congregação difundia a sua identidade católica, “promovendo a devoção marial e eucarística” (Documentário da Congregação 150 anos 1845- 1995, p. 271). A Imagem de Maria representava os valores próprios para a formação feminina, pois servindo em casa, na escola, ou em qualquer outro espaço social, a mulher deveria ser seguidora desta imagem: obediente, abnegada. Por isso, reforçavam o que se esperava do comportamento feminino. Nesse sentido, a escola é responsável em adaptar os hábitos e o comportamento dos alunos ao modelo social. O pensamento de Pedra (1997, p. 27) complementa nossa análise: “as representações estabelecem as direções para as condutas sociais na medida em que põem em jogo imagens articuladas de parceiros e situações”. Ao serem definidas pelo ideário dominante, tais representações estão presentes no cotidiano escolar para atender ao conjunto social, conseqüentemente, ao ideário católico. A concretização da escola correspondeu com os anseios da própria formação que a família esperava naquela escola: moças educadas, preparadas para as qualidades essenciais à mulher, boa esposa-mãe e professora.

## **5. Entre o Saber e a Religião.**

O currículo para a educação feminina sempre esteve vinculado às próprias representações do ser mulher: esposa-mãe. Esperava-se formar uma doméstica e educar para a criação de filhos. Estes objetivos resultaram numa educação doméstica. Assim aconteceu com a Constituição do Império, ou até mesmo, com o surgimento das Escolas Normais. Não seria diferente dos mesmos objetivos traçados para a formação da mulher, nas escolas confessionais a partir do período republicano.

O Governo de Minas Gerais, sob o decreto de 1934, havia estabelecido o seguinte currículo para as Escolas Normais:

*Curso Normal: Português e francês, matemática, ciências naturais, psicologia infantil e higiene, desenho, trabalhos manuais e modelagem, geografia, história da civilização e educação cívica, educação física, música e canto coral,*

*metodologia e prática profissional*”(Decreto nº 11.275 27.03. 1934. In: *Revista de Ensino: Da Secretaria da Educação do Estado de Minas Gerais, s/d*).

Dentre as disciplinas apresentadas pelo Estado, ficava a discussão sobre o ensino de trabalhos manuais nestas escolas, que era visto pela escola nova como fundamentais para o desenvolvimento da criança. A referência destes trabalhos, principalmente, para as classes femininas estava, assim, definido: “sem desprezo pelos trabalhos finos, se desse o primeiro lugar aos comuns, simples, usuais e práticos, isto é, aos que se possam inscrever, no quadro das necessidades ordinárias do lar” (TAVARES, 15.07.1933, nº 92). Para a escola mineira estes objetivos alicerçavam-se no próprio ideal de escola nova que estava presente no estado. Este mesmo ensino deveria ser útil para o próprio papel da mulher, associando-se a uma educação tradicional e conservadora que atrelava-se às inovações da Escola Nova.

Portanto, a escola, através do seu discurso, conhecimento, prática e currículo, é importante para legitimar qualquer que seja a forma de representação. Pois o currículo não é um conjunto neutro de conhecimento, mas “abriga as concepções de vida social e as relações sociais que animam aquela cultura” (PEDRA, 1997, p. 45), possui história e vai se adaptando às transformações sociais, estabelecendo a relação de poder sobre o educando, reproduz identidades sociais e individuais, estabelecendo divisões, que separam e diferenciam grupos sociais em termos de classe, etnia e gênero.

Com relação ao quadro de disciplinas da Escola Normal N. Sra. do Patrocínio estava estruturada da seguinte forma: Civilidade, Ordem, Português, Francês, Aritmética, Geografia e História, Ciências, Música, Desenho, Canto, Educação Física, Biblioteca, Aplicação, Religião, Civilidade, Trabalho Manual. As alunas eram avaliadas através destes conhecimentos e pelo Comportamento desenvolvido na escola. Percebemos assim, que algumas disciplinas apresentavam destaques em detrimento de outras. Por exemplo: Educação Física, Trabalho Manual e, principalmente, o Ensino Religioso.

A Educação Física foi apontada como significativa para o currículo, era necessário trabalhar o exercício com os alunos, ao mesmo tempo em que era imprescindível, como professora (as normalistas), ter a saúde e o vigor e a própria disciplina do corpo. “Nesse sentido, em consonância com os preceitos da religião católica, o corpo era algo que deveria ser resguardado sendo a virgindade e a pureza de valores indiscutíveis” (MOURA, 2002, p. 115). O corpo disciplinado permitia melhor aproveitamento escolar devido à disciplina que era estabelecida nesta aprendizagem, qualquer falta cometida era sanada pelo castigo da vara, e não deixava de exercer o domínio e a hierarquia entre professoras e alunas.

Ao longo da pesquisa, identificamos que nas aulas de Trabalhos Manuais as expectativas de um ensino para o lar se refletiram nitidamente, pois além das aulas de desenho e pintura, as alunas aprendiam crochê, tricô, bordados e costuras (Jornal Cidade de Patrocínio, 28.10.1928, n° 796). Finalmente, além destas atividades, o Ensino Religioso assumia relevância a esta aprendizagem. Ele era responsável pela formação moral das alunas, pelo ensinamento da fé católica e a sua propagação. O seu estudo estava baseado no catecismo, na história sagrada e a sua frequência era obrigatória. O Ensino Religioso foi uma disciplina que permeou toda a prática escolar. Prova disso é que a Ação Católica tomava respeitáveis rumos na história do Colégio, pois além de normalistas, a escola foi significativa para a formação de catequistas. Por estes elementos identificados na formação feminina, identificamos que o ensino ministrado na Escola Normal, caracterizado como intencional, desenvolvia uma formação religiosa completa. Este resultado fazia parte da realidade destas alunas quando exerciam seu papel de mãe, no lar; professora, na escola; ou irmã através do apostolado. Portanto, voltava-se para a formação de mulheres católicas para que tivessem sólida convicção religiosa e boa formação pedagógica (Cf. Jornal Cidade de Patrocínio, 30.09.1928, n° 792).

Todavia, percebemos que as alunas, mesmo diante do rigor e da severidade, se sentiam privilegiadas por estudarem na Escola Normal N. Sra. do Patrocínio. Dotadas de conhecimento para exercer a profissão ou serem senhoras do lar, eram bem vistas pela sociedade e não deixavam de mostrar certo *status* ou emprego certo para quem prestasse concurso.

### **Considerações Finais:**

No decorrer do estudo, pudemos observar alguns pontos importantes como base para o resultado da nossa análise: Os objetivos educacionais da escola correspondiam com os anseios sociais e religiosos daquela sociedade, pois o progresso e a presença do protestantismo, apontavam a própria ausência de escolas católicas para a formação da juventude patrocínense. A imprensa registrou os anseios da Igreja Católica na concretização do seu projeto educacional, como legitimou diante da sociedade a relevância desta instituição confessional católica.

Num segundo momento, entendemos que as experiências educacionais desenvolvidas na escola, sob a organização curricular, correspondiam com tais objetivos, pois a disciplina, a ordem, a missão, o tempo escolar, o controle dos gestos, o

conhecimento, estabeleceram condutas sociais e valores que atendiam ao modelo social feminino. Finalmente, percebemos que tais objetivos foram alcançados, ou propriamente internalizados na vida das alunas. Independentemente da missão que recebiam, como mães nos lares, como professoras catequéticas ou como irmãs em seus próprios estabelecimentos de ensino, tais ações estavam introduzidas na missão de evangelização da Igreja.

Portanto, apreendemos que a Escola Normal N. Sra. do Patrocínio, como importante estabelecimento de ensino, se solidificou tanto pela sua qualidade e estrutura na educação, como correspondeu aos propósitos religiosos da Igreja. Da mesma forma, atendia à ansiedade dos pais para a formação de suas filhas que, para alguns, representava apenas instrução, seja para o casamento, como para a vida. Mas para outros, ou precisamente, outras alunas, significava a “oportunidade” de uma profissionalização.

## **Referências Bibliográficas:**

### **1. Fontes Primárias:**

Álbum do 1º decênio, Colégio Normal N. Sra. de Patrocínio, 1928-1938.

ANÍSIO, P. (1932). **O Ginásio D. Lustosa e a sua história**. Folheto.

Anuario Estatístico – 1922 – Belo Horizonte – IBGE.

Documentário da Congregação: **150 anos (1845 – 1995) Congregação das Irmãs do Sagrado Coração de Maria de Berlaar**.

Livro Tomo – A fundação – Colégio Sagrado Coração de Jesus em Araguari.

LUSTOSA, Antônio de Almeida. [Carta] Uberaba, s/d, 1925. Carta ao Coronel João Cândido.

LUSTOSA, Antônio de Almeida. [Carta] Uberaba, 30.12.1926. Carta a Sra. Emygdia Aguiar.

### **2 Fontes Secundárias:**

#### **2.1 Jornais:**

Visita Pastoral. Correio Católico, Patrocínio, 27 de setembro de 1925, nº 76.

Dom Lustosa e a Instrução. Correio Católico, Patrocínio, 01 de março de 1925, nº 46.

Visita Pastoral. Correio Católico, Patrocínio, 27 de setembro de 1925, nº 76.

A Moral Católica. Correio Católico, Patrocínio, s/d de 1926, nº 138.

Corpo docente do Collégio N. Sra. do Patrocínio, *Jornal Cidade de Patrocínio*, Patrocínio, 21 de outubro de 1928, n° 795.

Secção Feminina. *Jornal Cidade de Patrocínio*, Patrocínio, 15 de abril de 1928, n° 768

Collégio para moças, *Jornal Cidade de Patrocínio*, Patrocínio, 30 de setembro de 1928, n° 792.

O Arrebol. *Jornal da Escola*, Patrocínio, Abril de 1934, n° 1.

## 2.2 Periódico:

LIMA, N., O anno de 1934 e a educação em Minas Gerais, **Revista do Ensino: Órgão oficial da Inspetoria Geral da Instrução**, M. G., dezembro de 1934, n° 109.

## 2.3 Livros:

ALMEIDA, F. J. (2001). **Patrocínio no final da década de 20**. Patrocínio: Reggraf.

CONFORTIN, H. (2003). Discurso e Gênero: a mulher em foco. In: GHILARDI-LUCENA, M. I. (ORG). **Representações do Feminino**. Campinas: Átomo.

FARIA FILHO, L. M. O Jornal e outras fontes para a história da Educação Mineira do Século XIX: Uma introdução. In: ARAUJO, J. C. S.; GATTI JUNIOR, D. (Org.). **Novos temas em História da Educação Brasileira: Instituições Escolares e Educação na Imprensa**. Campinas: Autores Associados; Uberlândia: EDUFU, 2002.

FERREIRA, J. F. S. P. B. (2004). **A evangelização pela educação escolar: Embates entre presbiterianos e católicos em Patrocínio, Minas Gerais (1924-1933)**. Uberlândia:UFU (Dissertação de Mestrado).

FOUCAULT, M.(1987). **Vigiar e Punir: História da Violência nas Prisões**. 27 ed. Petrópolis: Vozes.

LUCKESI, C. C. (2003). **Avaliação da Aprendizagem Escolar**. 15 ed. São Paulo: Cortez.

MANOEL, I. A. (1996). **Igreja e Educação Feminina (1859-1910): Uma face do conservadorismo**. São Paulo: EdUNESP.

MOREIRA, F. A. e SILVA, T. T. (2002). **Currículo, Cultura e Sociedade**. 7 ed. São Paulo: Cortez.

MOURA, G. F. M. (2002). **Por trás dos muros escolares: Luzes e sombras na educação feminina**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Uberlândia.

MUNIZ, D. C. G. (2003). **Um toque de gênero: História e Educação em Minas Gerais (1835-1892)**. Brasília: EdUnB; FINATEC.

NABUT, J. A. (1987). **A Igreja em Uberaba**: Uberaba: Edição Fundação Cultural de Uberaba, Museu de Arte Sacra de Uberaba.

PEDRA, J. A. (2003). **Currículo, Conhecimento e suas Representações**. 7 ed. Campinas: Papirus.